

## Um italiano na lista dos subversivos\*

Claricia Otto\*\*

### Resumo

Neste artigo, analisa-se uma coletânea de textos memorialistas acerca do inquérito policial-militar instaurado pelo governo italiano, em 1931, contra Cesare Tibaldeschi. Trata-se de um corpus documental inédito.<sup>1</sup> Entre as denúncias, as duas principais são a de promover uma campanha antifascista em Nova Veneza, SC, e a de não transformar o grupo de escoteiros em balillas, o que seria o equivalente a um “exército fascista infantil”. O resultado dessas acusações foi a proibição do retorno de Cesare Tibaldeschi ao Brasil, onde residia desde 1924. As memórias permitem evidenciar os jogos de poder nesse processo discursivo, bem como o imaginário fascista.

**Palavras - chave:** memória - imaginário - poder - fascismo.

### Abstract:

In this article it analyzes a collectanea of memoirist texts concerning the police inquest to militate restored for the Italian government, in 1931, against Cesare Tibaldeschi. One is about an unknown documentary corpus. Between the denunciations, the two main ones had been to promote an antifascist campaign in Nova Veneza, SC and, not to transform the group of scouts into balillas, that army would be the equivalent to one infantile fascist troop. The result of these accusations was to the prohibition of its return to Brazil, where it inhabited since 1924. The memories allow to evidence the games of being able in this process done, as well of the imaginary fascist.

**Keywords:** memory - imaginary - to be able - fascism.

No período da movimentação migratória, nos países da Alemanha e da Itália, surgiram entidades particulares e governamentais que começaram a preocupar-se com a situação de seus compatriotas em terras estrangeiras. Entre os que se envolveram com o problema da imigração italiana para a América, na segunda metade do século XIX, destacou-se o Bispo de Placência, João Batista Scalabrini. Para esse Bispo, cultivar o catolicismo e a italianidade seria a maneira de garantir aos imigrantes a preservação de sua identidade cultural.<sup>2</sup>

Afora a *Associação Nacional* em proveito dos missionários católicos italianos e a *Obra Scalabriniana*, Ernesto Schiaparelli, que fora co-fundador da *Associação Nacional*, iniciada em Florença, fundou a *Federação Itálica Gens* com a finalidade específica de defesa da italianidade. Era o ramo da *Associação Nacional* para socorrer os missionários italianos e foi órgão de assistência aos emigrados transoceânicos. Reconhecida pelo governo do Estado, sempre agiu de acordo com o governo italiano e especialmente com o Ministério do Exterior através do seu escritório em Roma.<sup>3</sup>

---

\* Uma versão deste artigo foi apresentada na XXII Reunião da SBPH. Rio de Janeiro, 2002, sob o título: Memórias sobre a atividade “antifascista” do italiano Cesare Tibaldeschi. O presente artigo foi substancialmente alterado e ampliado.

\*\* Doutoranda do Programa de Pós - Graduação em História da UFSC e bolsista do CNPq. Orientador: Prof. Dr. Artur Cesar Isaia.

Dessa forma, entre os enviados para o Brasil com o objetivo de atender aos emigrados, estava o Dr. Cesare Tibaldeschi, nascido no dia 04 de setembro de 1897 em Alessandria, na Província de Vercelli, norte da Itália. Era médico cirúrgico, e, no passado, havia sido carabineiro (soldado de um corpo especial de polícia, cabo de Infantaria). A encargo da associação *Italica Gens*, em 1924, aos 27 anos de idade, veio para o Brasil incumbido de visitar os núcleos coloniais do Estado de Santa Catarina e de organizar escolas italianas. Aportou no sul catarinense e residiu na colônia italiana de Nova Veneza em dois períodos; de junho de 1924 até o final de maio de 1927 e, novamente, de 1929 a 1931, onde, além de realizar as visitas às escolas nas colônias italianas, por solicitação de muitas pessoas e segundo as necessidades da população, exercia a medicina.<sup>4</sup>

Em maio de 1927, retornou à Itália e, após uma breve estada no respectivo país de origem, foi designado para dirigir um Colégio Italiano em Tanger, no Marrocos.<sup>5</sup> Em janeiro de 1928, deixando a *Italica Gens*, retornou ao Brasil para dedicar-se aos estudos e ao exercício da Medicina. Dirigiu-se ao Rio Grande do Sul, mais especificamente à colônia italiana de Garibaldi, onde também se ocupava do jornalismo, redigindo o periódico *Staffetta Riograndense* (jornal semanal da colônia italiana, de propriedade dos Freis Capuchinhos). No ano de 1929, voltou para Santa Catarina e, novamente, fixou residência em Nova Veneza.<sup>6</sup>

Pretende-se abordar a trajetória desse italiano, especificamente em torno das questões referentes à instauração do inquérito policial-militar, alicerçando-se em uma modalidade de escrita histórica narrativa. Considera-se a crescente importância da narrativa no discurso histórico, depois de ela ter sido objeto da crítica de muitos estudiosos, principalmente, dos defensores da história das estruturas.<sup>7</sup> O historiador britânico Lawrence Stone, em seu artigo, *O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma velha história*, está entre aqueles que proclamam a volta da história-narrativa, diferenciando-a da história estrutural.<sup>8</sup> Muitos debates surgiram em torno dessa questão e, enquanto um grupo considerava “as estruturas mais seriamente que os acontecimentos”, outro continuava a “acreditar que a função do historiador é contar uma história”.<sup>9</sup> Para Burke, faz-se necessário “questionar a relação entre acontecimentos e estruturas” e buscar uma síntese entre essas oposições, especialmente:

para um novo tipo de narrativa [...] densa o bastante, para lidar não apenas com a seqüência dos acontecimentos e das intenções conscientes dos atores nesses acontecimentos, mas também com as estruturas - instituições, modos de pensar etc. - e se elas atuam como um freio ou um acelerador para os acontecimentos.<sup>10</sup>

Segundo Stone, a narrativa deve orientar-se por algum ‘princípio fecundo’ e possuir um tema e um argumento. Assim, procura-se examinar a relação entre o “acontecimento” Cesare Tibaldeschi e o regime fascista, ou melhor, como o novo regime estava sendo experienciado pela coletividade italiana radicada nessa região do sul do Brasil. Obviamente, essa não é uma tarefa fácil, mas almeja-se, pelas narrativas, dar visibilidade aos valores e ao imaginário dos indivíduos dessa sociedade.

Giorgio Tibaldeschi, organizador da *Coletânea* dos textos memorialistas, num relance ao passado, recordava-se dos primeiros anos de convivência com o seu pai (Cesare Tibaldeschi) e lembrava as suas ânsias, as suas dificuldades, os seus sofrimentos e as suas incertezas. Movido por essas lembranças, resolveu reunir as informações e os documentos da trajetória de Cesare Tibaldeschi a partir do dia em que o governo italiano solicitou o seu passaporte para averiguação. Nas suas palavras, essas providências escondiam uma realidade que se tornou amarga e terrível, um labirinto de intrigas e de acusações, as mais incrédulas e infundadas, pois na sua opinião,

aquele Brasil, o país que tinha aprendido a conhecer e amar através das minuciosas descrições que papai me fazia nas suas cartas, me pareceu desde logo sem razão. Habitado por gente boa e fiel às recordações de papai, e cujos nomes estão impressos na minha memória, hospedava ao mesmo tempo pessoas que por mesquinho interesse não hesitaram de provocar a ruína moral, conseguindo somente prejudicá-lo materialmente, porque a sua figura de homem honesto e leal está ainda viva na lembrança dos seus amigos do Brasil.<sup>11</sup>

Além da *coletânea* já citada, as entrevistas com Marino Gava<sup>12</sup>, Nevton Bortolotto<sup>13</sup> e outras pessoas que de alguma forma conheceram esse agente italiano em Nova Veneza, despertaram ainda mais o interesse da pesquisadora. Tibaldeschi foi acusado de antifascista, o que lhe trouxe um longo e desgastante processo na Itália. No decorrer da entrevista com Gava, por diversas vezes houve um silêncio e, após alguns segundos de meditação, o narrador se expressava comovido: “Cesare Tibaldeschi ... era um santo homem! Não fazia mal prá ninguém.”<sup>14</sup>

Percebia-se que eram palavras carregadas de sentido, traduzidas por lembranças que, no dizer de Marina Maluf, estão indissociavelmente ligadas à vida social e à sua historicidade, marcadas por práticas, valores e sistemas de representações.<sup>15</sup>

Por meio dessas memórias, é possível ler a realidade da referida colônia nesse período, lembrando o alerta feito por Nilda Teves de que “a realidade é sempre vista a partir de um recorte, [...] constituída por sujeitos desejosos, imaginativos, sonhadores, capazes de fabular, de simbolizar o real existente e o real possível”, ou ainda, ela “se dá a conhecer sob formas discursivas, falas múltiplas: escrita, gestual, imagética, enfim, modos simbólicos de dizer o mundo”.<sup>16</sup>

As memórias de Gava, como também os relatos do Padre Miguel Giacca,<sup>17</sup> demonstram simpatia por Tibaldeschi. O Pe. Giacca, ao solicitar autorização e aprovação para fundar um boletim paroquial, informou a Dom Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo da Diocese de Florianópolis (1914 - 1967), que o Dr. Cesare Tibaldeschi era uma pessoa competente, inteligente, culto e experiente, tendo já redigido *Poca Favilla* (Pouca Faisca) na Itália, órgão dos escoteiros e a *Staffetta Riograndense* com grande sucesso e de absoluta confiança pelos princípios religiosos bem conhecidos desde 1924.<sup>18</sup> Na opinião do Pe. Giacca, o boletim serviria para todas as paróquias em que existissem italianos, poder-se-ia através dele tratar de outros assuntos, além da religião. O boletim deveria ser redigido em língua italiana e não em língua portuguesa, segundo dois principais motivos: o primeiro era porque havia uma “pessoa competente para um bom italiano e não para um bom português”; o segundo, era o de valer-se “da língua e do sentimento” para conquistar pessoas em prol da religião.<sup>19</sup>

Desse modo, a memória pessoal, sendo uma perspectiva da memória coletiva, oferece a possibilidade de refletir-se sobre essa faceta da história, já que para Maluf “em toda memória pessoal estão inscritas as marcas da existência coletiva”.<sup>20</sup>

Apoiando-se também no referencial teórico do imaginário,<sup>21</sup> procurar-se-á, como instrui Ecléa Bosí, “repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”.<sup>22</sup> Nesse sentido, ao trabalhar com a memória não se buscou a precisão, nem tampouco a definição exata dos fatos que envolveram Tibaldeschi.

Igualmente, os relatos da *coletânea* não foram tomados como dados objetivos, pois os textos, como aponta Chartier, estão “presos na rede contraditória das utilizações que os constituem historicamente”;<sup>23</sup> ou ainda, é preciso vigilância para apreender “como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.<sup>24</sup>

Todavia, faz-se necessário lembrar que também o governo fascista (1922-1942) investiu e utilizou-se de diversas táticas para cativar os italianos residentes nos diversos estados do Brasil. Como resultado desse investimento do novo regime, em 1934, registravam-se 75 fasci no exterior e entre eles, três de Santa Catarina.<sup>25</sup>

Um dos principais alvos de Mussolini e de seu governo foi a escola primária. Através dela, as atividades com os filhos dos imigrantes foram estratégias para formar uma sociedade segundo os moldes fascistas. A investida nas escolas italianas do exterior foi iniciada em 1923/1924 quando várias leis centralizavam as escolas e acentuavam sua função de “educar italianamente os jovens italianos do exterior”.<sup>26</sup>

O historiador Ângelo Trento indica o trabalho realizado pelas OGIE (Organizações Juvenis dos Italianos no Exterior). Os filhos dos imigrantes eram organizados em seções por faixa etária e sexo:

‘Filhos da Loba’ (crianças de ambos os sexos até 8 anos de idade), ‘Balilla’ (dos 8 aos 14 anos), ‘Vanguardistas’ (14 aos 18), ‘Jovens Fascistas’ (mais de 18), enquanto as meninas eram agrupadas nas ‘Pequenas Italianas’ e nas ‘Jovens Italianas’. Exercícios paramilitares e muita ginástica acompanhavam empenhos menos guerreiros (se bem que não em sua denominação), como a organização das Centúrias Líricas.<sup>27</sup>

A historiografia possui escassas informações sobre os temas do fascismo e do antifascismo no contexto catarinense. As referências acerca dessas questões envolvem, principalmente, a coletividade italiana da cidade de São Paulo. No entanto, ao investigar sobre as colônias italianas do estado de Santa Catarina, detecta-se, nas décadas de 20 e 30, atividades fascistas e pessoas acoimadas de antifascistas. Verifica-se, desse modo, que sob a influência dos acontecimentos e de idéias vindas do outro lado do Atlântico, no interior das colônias (re)produziam-se discursos e travavam-se lutas. Os filmes de propaganda dos grandes feitos do regime fascista chegavam ao Brasil nos anos 20<sup>28</sup> e em 1928, no município de Criciúma, registra-se a exibição do filme *Viagem de Mussolini a Tripolitânia*.<sup>29</sup> Em 1932, em Florianópolis, surgia o periódico *La tribuna*, cujo principal objetivo era “manter acesa a chama da italianidade e a consciência dos direitos sagrados defendidos tenazmente pelo Homem (Mussolini) que dirigia os destinos da Itália”.<sup>30</sup> O novo regime era exaltado por meio de notícias veiculadas em jornais, conforme o seguinte fragmento: “é inegável que as severas e enérgicas diretivas da política fascista imprimiram vigoroso impulso progressista à Itália. [...] é incontestável o extraordinário progresso da nova Itália em todos os sentidos, maximamente sob o aspecto econômico”.<sup>31</sup> Uma outra nota, intitulada, *A Itália guiará o mundo*, relatava o discurso de Mussolini em Milão por ocasião da inauguração da grande auto-estrada Milão-Turim que dizia: “o século XX será o século do poderio italiano, será o século em que pela terceira vez, a Itália se tornará a diretora da civilização humana”.<sup>32</sup>

Aos 14 de agosto de 1931, Tibaldeschi viajou para a Itália com a finalidade de casar-se,<sup>33</sup> após o casamento, não obteve mais o passaporte para regressar ao Brasil com a esposa. Segundo informações do comandante Pedro Calzato, o *Ministério do Interior* justificava o retiro imediato do passaporte, porque, conforme as notícias vindas do cônsul do Brasil, o incriminado havia conduzido uma cruel campanha antifascista em Nova Veneza, conjuntamente com o Padre Miguel Giacca, além de ter se recusado a atender o pedido do agente consular, Antônio Remor,<sup>34</sup> de transformar o grupo de escoteiros<sup>35</sup> em *balillas*. Em Nova Veneza, o grupo de escoteiros fora fundado por Cesare Tibaldeschi em março de 1925.

Um fragmento dos estatutos dos escoteiros de Rodeio expressa que esse movimento contribuía “para a obra da paz entre os homens e as nações e para todos os movimentos de cooperação nacional, bem como para os de caráter internacional que não contrariem os interesses nacionais e os sentimentos da Pátria”.<sup>36</sup> Também em Laguna encontram-se notícias sobre a existência dessa organização, na referência feita pelo jornal *O dever*.<sup>37</sup> Em Criciúma, Nereu Ramos, interventor federal, e sua comitiva, na inauguração do grupo escolar *Professor Lapagesse*, assistiram do alto da escadaria da igreja a um desfile dos escoteiros.<sup>38</sup>

Além do universo escolar, o caso de Nova Veneza demonstra que Antônio Remor pretendia introduzir a doutrinação fascista no grupo de escoteiros e, para isso, propunha a sua transformação em *balillas*. Afinal, como já explicitado anteriormente, os *balillas* são uma amostra do esforço do regime para atingir a nova geração de ítalo-brasileiros.<sup>39</sup>

A respeito do impedimento do retorno de Tibaldeschi ao Brasil, também o entrevistado Marino Gava fez o seguinte comentário:

Ele (Tibaldeschi) em 1931 foi para a Itália a fim de se casar. Sabia que teria uma noiva, mas não a conhecia porque o Padre de lá tinha arrumado para ele. Casou e quando foi para voltar, veio a notícia que ele era um malfeitor. Pra cá não pode nunca mais retornar. Depois que ele faleceu a sua mulher veio conhecer Nova Veneza. Veio ela, o filho Giorgio, um neto e duas filhas, a Madalena e a Luiza.<sup>40</sup>

Tibaldeschi solicitou ao *Ministério do Interior* explicações sobre a apreensão do seu passaporte e insistiu nas causas que o proibiram de retornar ao Brasil, pois sempre procurou elogiar a Itália, difundindo a língua e exaltando as suas glórias.<sup>41</sup> Afirmou que nada fizera que o tornasse indigno de ser um bom italiano. Elencou o nome de diversas pessoas do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre e de Tanger que poderiam informar sobre a sua conduta e o seu trabalho em prol da italianità. No Brasil, contribuiu com muita energia e disposição para defender tanto a língua italiana, quanto as tradições do seu país. No estado de Santa Catarina, as pessoas por ele indicadas para emitir a opinião a seu respeito foram: em Porto União, o Sr. Contini; em Nova Trento, o intendente Nicolau Bado; os padres franciscanos, salesianos e jesuítas que administravam diversas paróquias no Estado; em Orleans do Sul, Cacciatori Marensi; em Rio do Sul, o deputado estadual Ermembergo Pellizzetti; em Rodeio, Mario Locatelli; todos os professores das sessenta escolas espalhadas pelo estado, nas quais há seis ou sete anos já se ensinava a língua italiana e que ele pessoalmente visitava.<sup>42</sup> Em Nova Veneza, dedicava parte do seu tempo de trabalho e estudos à *Sociedade Italiana São Marcos*<sup>43</sup> e ao grupo de escoteiros, o qual crescia “aprendendo a conhecer e a amar a Itália e a usar a língua italiana”. Como estudioso de música, criou uma pequena *Schola* (coral, grupo animador dos cantos) para tornar mais solenes as celebrações religiosas e, estando a igreja necessitada de restaurações e de ampliação, ele mesmo fez os projetos que foram aprovados pela Cúria Episcopal de Florianópolis.<sup>44</sup>

Com referência à recusa de transformar os escoteiros em *balillas*, Tibaldeschi esclareceu que em 1928, quando residia em Garibaldí, Rio Grande do Sul, recebeu uma carta de Antônio Remor, propondo transformar o grupo dos escoteiros em um grupo de *balillas*. Como resposta, afirmava que não dependia dele a mudança, e sim da autoridade eclesiástica, o Bispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira, não podendo, dessa forma, aderir a tal desejo, tratando-se de assunto fora da sua competência.

Nessa carta, revela a sua simpatia pelo *fascio* de Nova Veneza, pois participara das reuniões e cerimônia da bênção da bandeira. Além disso, sempre manteve contato amigável com o cônsul italiano sediado em Florianópolis. Como prova de seu patriotismo

italiano, para manter viva a chama de italianidade, ofereceu ao cônsul uma contribuição financeira para não ser transformada em brasileira uma das melhores escolas italianas, a de São Bento Alto em Urussanga.

As acusações foram dolorosas, e ele não conseguia entender por que o qualificaram de antiitaliano e de antifascista. No entanto, em resposta sobre a sua conduta, citou três fatos que acreditava terem sido o motivo da luta e da traição, conforme consta em alguns fragmentos de uma carta ao vice-cônsul, Giacomo Ungarelli. O primeiro deles foi “a minha qualidade de católico participante. Isto gerou hostilidade por parte da Maçonaria e do anticlericalismo, velho estilo que ainda há seguidores no Brasil e também entre os italianos”.<sup>45</sup>

Um segundo motivo, teria sido a concorrência profissional, promovida por compatriotas, pois “as primeiras acusações de antifascismo foram movidas por um próprio colega, o Dr. Cesare Marzioli”.<sup>46</sup>

Num terceiro ponto, refere-se ao fato de terem sido divulgadas “notícias terroristas, cheias de maldade”. Tais notícias teriam sido espalhadas pelo professor Giovanni Telatin que em 1928 (ano em que Tibaldeschi estava no Rio Grande do Sul) foi para Nova Veneza, apresentando-se como encarregado pelo Régio Consulado de organizar a escola italiana local. Foi bem acolhido pelo agente consular e pelo Pe. Giacca. Contudo, Telatin teria interesses particulares, e a escola italiana era um pretexto para obter subsídios, visto que ele mesmo, em outra ocasião, quisera transformar a sua escola em estatal, brasileira. Diante de tais circunstâncias, assim Tibaldeschi se expressou:

quando cheguei me vi objeto da maldade de Telatin. Fui acusado de querer organizar o antifascismo na colônia e de outras coisas similares. Reagi e sendo apoiado pela maioria da população que me conhecia e me estimava, ele espalhou a notícia que eu e o pároco tínhamos decidido de o assassinar e nos denunciou à polícia. [...] ao cônsul Sestino Mauro revelou que se estava conspirando para explodir bombas na sede do consulado italiano.<sup>47</sup>

Tibaldeschi, ao solicitar informações sobre Telatin ao cônsul, verificou que nenhum encargo este lhe havia confiado. E, para afronta de todos, Telatin conquistou a simpatia de Antônio Remor, que pôs à disposição a sede da agência consular, transformada numa hospedagem privada. Desse modo, Antônio Remor, que antes lhe havia demonstrado simpatia e consideração, tornou-se frio e indiferente.<sup>48</sup>

Ainda a respeito do professor Giovanni Telatin, o livro Tombo da Paróquia Santa Otilia de Orleans apresenta algumas informações. Segundo o relator, Pe Paschoal Somadosy, em dezembro de 1931, o “celebríssimo” professor Giovanni Telatin, italiano, ao chegar em Orleans, abriu uma escola particular e intitulou-a de *Escola Pio X*. Nessa escola, foram realizadas a bênção e a entronização do crucifixo no dia 06 de janeiro de 1932. Conforme Somadosy, no dia 07 iniciaram-se as aulas e tudo estava bem até o momento em que “o dito professor manifestou-se quem era. Fariseu em pés de lã, lobo coberto de pele de ovelha, mas, coitado! Não soube acabar a tampa da mesma. Pediu perdão, mas depois, recorreu velhacamente à calúnia, arma querida aos inimigos do clero”.<sup>49</sup>

Outra condição desfavorável, descrita por Tibaldeschi, e que se juntava às denúncias, era a seguinte:

a minha qualidade de médico que encontrara a mais encarniçada concorrência profissional. Fui obrigado a recorrer ao Tribunal Superior de Justiça de Florianópolis para poder me defender. [...] À capital só se dirigem negociantes que possuem serviços a despachar. O agente de Nova Veneza é também negociante, e assim vão visitar o cônsul, levam notícias forjadas, segundo a sensibilidade e o

interesse deles, e, podem assim ser suspeitos sobretudo no campo político. [...] Por exemplo, convidados para a organização de um *fascio*, são capazes de assegurar ao cônsul que é impossível porque o pároco é antifascista. [...] Desculpa cômoda com conseqüências que é fácil imaginar. [...] A calúnia é arma de batalha comum, onde há falta de comunicação não há possibilidades de apurar e avaliar as notícias. [...]<sup>50</sup>

Para Tibaldeschi, falar de antifascismo no Estado de Santa Catarina, seria o mesmo que querer dar consistência a fantasmas, pois podia-se afirmar que no Brasil esse sistema político não existia; com exceção de alguns pequenos núcleos hostis ao regime, na cidade de São Paulo. Contudo, segundo seu parecer, deveria reconhecer-se que os compatriotas do Brasil eram devotos da Itália e ao seu Governo. Especificou que no sul do Brasil e especialmente nos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul sempre encontrou italianos exemplares pelo seu patriotismo; e também que tinha orgulho de ser filho da pátria italiana e nutria incondicional amor e confiança ao Governo que regia os seus destinos.<sup>51</sup>

Antônio Remor ao escrever a Tibaldeschi, comentou que todos os amigos e admiradores perguntavam ansiosos se ele retornaria a Nova Veneza ou se havia escolhido outra destinação: “aqui todos o querem permanentemente; questão de egoísmo que neste caso não é um egoísmo reprovável”.<sup>52</sup> Entretanto, ao fornecer informações ao cônsul geral de Curitiba, Amedeo Mammalella, assim se referiu:

se pode absolutamente afirmar que Tibaldeschi unido ao vigário da paróquia Pe. Miguel Giacca, fazem mais mal ao sentimento nacional dos italianos desta colônia que se viesse um dos tantos ferozes antifascistas de certos centros como São Paulo; porque no fundo a colônia o tem desprezado como merecia e talvez também pior, mas tratando-se de um aposentado da guerra, amigo íntimo e aliado do pároco, não era possível não dar ouvidos às palavras de pessoas religiosas, instruídas, estimadas! Agora a Sociedade São Marcos, fundada em 1923 [...] está ameaçada de se transformar na sede de uma confraria religiosa, fazendo parte das obras paroquiais e tudo pela constante propaganda dos dois supracitados.<sup>53</sup>

Amedeo Mammalella, anexando outras informações desprestigiosas, enviou-as ao Distrito Militar de Alessandria. O seu parecer baseou-se na opinião dos cônsules de Florianópolis: Sestino Mauro e Giacomo Ungarelli bem como de Antônio Remor. Entre as acusações, além da já citada (a de se negar a transformar os escoteiros em *balillas*), outra foi a de exercer abusivamente a medicina. Informa que chegara em suas mãos um procedimento judiciário acusando-o de ter causado a morte de uma parturiente e ter como cúmplice o Pe. Giacca que tentou incitar uma campanha em seu favor, descrevendo-o como sofredor e ameaçado na Itália,<sup>54</sup> entre uma série de outras questões; ao que Tibaldeschi respondeu: “não é verdade que em Nova Veneza não seja celebrada a conciliação entre o Vaticano e o Governo Italiano: o grande acontecimento foi exaltado e com a maior solenidade na mesma igreja paroquial com uma cerimônia (missa solene, canto do ‘Te Deum’ a voz do povo e discurso do Pe. Miguel Giacca)”.<sup>55</sup>

Solicitou que o texto de sua carta fosse cuidadosamente examinado, pois somente assim constatar-se-ia que seus sentimentos eram bem diferentes daqueles contidos na carta de Mammalella. Com referência à sua vida privada, limitou-se a dizer ser possuidor de um diploma de medicina conseguido no Brasil, conferido pela Faculdade de Medicina de Paris. Sobre o agente consular de Nova Veneza fez a seguinte observação:

o Sr. Antônio Remor se prestou ao jogo para mostrar as suas benevolências ao Carlo Gorini, que agora sabe quanto regularmente e cientificamente exercito a medicina sob os auspícios e a proteção

da Agência Consular da Itália. Assim tem procurado surpreender a boa fé das nossas autoridades consulares, fornecendo informações tendenciosas ou absolutamente falsas, [...] enquanto a mim escrevia cartas elogiosas, comunicando-me até práticas reservadas. [...] o quanto afirmou o Remor ao Senhor e ao cônsul de Florianópolis, [...] é falso, ou o Remor fez aliança comigo “antifascista” até a ponto de me colocar à parte de delicadas comunicações e circulares reservadas.<sup>56</sup>

O Dr. Carlo Gorini, natural de Pávia, era médico em Nova Veneza desde 1915 e viu em Tibaldeschi um concorrente. O fato ocorrido que envolveu a morte de uma parturiente é o seguinte: numa ocasião em que não estavam em Nova Veneza, nem o Dr. Gorini, nem a sua esposa, Giuseppina Celè, que também era obstetra, o Dr. Tibaldeschi foi chamado para socorrer um parto de emergência. Tentou salvar pelo menos a mulher. Uma parteira que tudo acompanhou testemunhou: “quando Tibaldeschi chegou já não havia como salvar a mulher, e a criança já estava morta”. Esse acontecimento foi utilizado pelos seus adversários para incriminá-lo injustamente.<sup>57</sup>

Assim, o imaginário, de acordo com Baczko, é capaz de legitimar a ordem estabelecida, mas ao mesmo tempo, implica conflitos. Verificou-se que diante das questões referendadas, o imaginário social funcionou como “uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder” bem como se tornou “o lugar e o objeto dos conflitos sociais”, devido à sua função de operar “através de séries de oposições que estruturam as forças efetivas que agem sobre a vida coletiva, unindo-as, por meio de uma rede de significações, às dimensões intelectuais dessa vida coletiva: legitimar/invalidar; justificar/acusar; tranquilizar/perturbar; mobilizar/desencorajar; incluir/excluir”.<sup>58</sup>

Dessa forma, Nova Veneza foi palco de numerosos conflitos, pois estabeleceu-se uma série de oposições no que se referia a Tibaldeschi. Se de um lado havia os que legitimavam o seu antifascismo, de outro, havia aqueles que invalidavam tal cognominação. O próprio Tibaldeschi remete a essa “rede de significações” na missiva enviada ao vice-cônsul, Giacomo Ungarelli: “se por um lado queriam me fazer passar por antifascista e faziam insinuações para me colocar como ruim diante das nossas autoridades, por outro lado, denunciava-se às autoridades brasileiras a minha italianidade. Obtive informações de ser acusado de espionagem em favor da Itália”.<sup>59</sup>

Ao verificar-se as narrativas do processo, percebeu-se que foi grande o número de pessoas que forneceram informações sobre a sua conduta, tornando sem efeito as acusações de antifascismo. Entre as pessoas que conheceram Tibaldeschi em Tanger, esteve o ministro Giuseppe Bastianini, o qual escreveu: “gostaria que todos os italianos no exterior fossem como o Sr. Tibaldeschi”.<sup>60</sup>

Bortolotto ainda acrescentou o fato do Pe. Giacca logo no início de sua estada em Nova Veneza ter entrado em confronto com a “maçonaria local”, o grupo que dominava o centro da colônia, com interesse de explorar os próprios compatriotas. Nesse primeiro conflito, fizeram “guerra” declarada ao Pe. Giacca, fato que o obrigou a ficar exilado por vários meses em São Joaquim, com o seu conterrâneo, Pe. João Vietili. Passados alguns meses, as lideranças pró-clero começaram uma insurreição contra os inimigos do Padre. Foram buscá-lo e ele voltou a Nova Veneza escoltado por mais de cem cavaleiros, todos armados para proteger o vigário.<sup>61</sup>

Também Remor entrou em atritos com Tibaldeschi por desentendimentos no que se referia aos limites de atuação da Igreja e ao que caberia ao poder civil e, como já se acenou anteriormente, por discordâncias quanto às finalidades da *Sociedade São Marcos*.<sup>62</sup>

Nesse sentido, pode-se inferir que a idéia de “ser fascista” está vinculada às acusações de antifascismo, pensamento já absorvido e constitutivo do imaginário local; pois, afinal, Tibaldeschi “era um santo homem”. Se as acusações foram injustas, conclui-se então que ele não era antifascista. Houve, dessa forma, um jogo de imagens, ou seja, a aceitação da representação do “ser fascista”; pois as representações do mundo são componentes da realidade social.

Quanto ao destino de Tibaldeschi, nunca foi possível provar as acusações; todavia, definitivamente, ele não pôde retornar ao Brasil. Segundo o capitão Renato Schejola, comandante da Companhia de Alessandria, em 1938, “por ordem do Ministério e para evitar um eventual exílio voluntário clandestino, é atentamente vigiado. É diretor do hospital dos enfermos ‘São João Batista’ de Gattinara, onde é tido como bom profissional”.<sup>63</sup>

Igualmente, Bortolotto informou que, como punição, ele foi extraditado para a Argélia, onde trabalhou o resto de sua vida como professor. Quando voltou para a Itália já estava com idade avançada.<sup>64</sup>

Nas palavras do prefacista citado, depois de tanta espera, o resultado da sentença foi uma censura que não provou nada sobre o plano político nem sobre sua moral. “O único resultado é que a partir de então, papai aparece inscrito na lista dos subversivos para a polícia de Alessandria até 1940 e, provavelmente, também depois”.<sup>65</sup>

Pelas informações disponíveis, verifica-se a incapacidade tática de alguns líderes do fascismo nos núcleos coloniais, promovendo conflitos e gerando instabilidade em muitas colônias. Esse é um indicativo do que ocorreu em Nova Veneza, principalmente porque quiseram incriminar Cesare Tibaldeschi. Ele, no entanto, tinha a maioria da população a seu favor, especialmente por ser amigo e colaborador do Pe. Giacca, tido como o grande pastor de Nova Veneza.

Por um lado, houve adesão ao fascio e às suas representações. Por outro, um relatório do vice-cônsul em Florianópolis, Guido Zecchin, aponta a instabilidade dos *fasci* existentes em Urussanga, Nova Veneza, Laguna e Meleiro, cidades situadas no sul catarinense:

Na prática, esses *Fasci* não existem. Foram fundados por pessoas animadas por elogiáveis sentimentos de italianidade e por ótimas intenções. Conseguiram facilmente um número notável de inscrições. Mas nunca funcionaram. Os compatriotas nunca compreenderam que funções o Fascio deveria ter. Se se tratava – era, em particular, o caso dos velhos – de se reunir para afirmar seus sentimentos de italianidade, muitos estavam prontos a fazê-lo. Mas, e depois? O que podia o Fascio fazer, além dessa manifestação de caráter exclusivamente platônico?<sup>66</sup>

Os estudos atuais levam a pensar que o ser fascista ou não-fascista pouca importância teve na derrocada das organizações italianas em Santa Catarina. O estágio atual das investigações aponta para a importância da contínua diluição da italianidade na cotidianidade desses imigrantes no sul do Brasil.

Destarte, no supracitado município do sul catarinense, Tibaldeschi continua na memória e a expressão de Gava é compartilhada por outros entrevistados, como, por exemplo, Luiz Damiani, Otoni Romagna, Otavio Nazari, Ermínio Nazari e Lídia Bortoluzzi. “Ele não fazia mal para ninguém, era um santo homem, tinha o grupo de escoteiros e quantas vezes foram acampar ao pé da serra”. O imaginário, dessa forma, ainda possibilita aprofundar os encontros e desencontros entre Tibaldeschi, os acusantes e a população de Nova Veneza.

Como professor e inspetor escolar enfatizava o estudo da língua italiana, da geografia e da história da Itália. No entanto, é possível que não exaltasse o regime da nova Itália fascista, como queriam os que o denunciaram ao cônsul. Além disso, pode-se estabelecer uma diferença entre Itália e fascismo, ou seja, quem era sinônimo de italianidade: fascismo ou antifascismo? As informações induzem a proposição de que Tibaldeschi teve essa percepção. Por isso, ao longo do corpus documental examinado, percebe-se que ele se utilizou de todos os recursos e testemunhas para provar que não era antifascista; porém, em nenhum dos documentos afirmou exaltar abertamente o citado regime, nem o *Duce*.

Esta porém, é uma questão inconclusa. É um primeiro esboço, em que, de maneira clara, evidenciam-se os jogos constitutivos de um projeto de instauração de uma identidade italiana para os ítalo-brasileiros e da preservação de uma leitura de italianidade por parte da elite italiana aqui radicada.

### Notas

<sup>1</sup> TIBALDESCHI, Giorgio. *Attività antifascista svolta dal tenente Tibaldeschi Cesare*. Vercelli: Edizione “pró manuscrito” in 15 exemplari, 1984. As 134 páginas dessa coletânea não são enumeradas. Cada documento ou carta anexa é precedida por um número romano. Traduções feitas pela autora. Estes documentos foram localizados com o entrevistado Newton Bortolotto.

<sup>2</sup> AZZI, Riolando. *A igreja e os imigrantes*. São Paulo: V. I. Paulinas, 1987.

<sup>3</sup> Carta de Cesare Tibaldeschi ao encarregado do inquérito, Egr. Sig. Maggiore Capo. Alessandria, 26/02/1932. Documento V.

<sup>4</sup> Documento V, letra A.

<sup>5</sup> Documento V. No Marrocos, teve algumas divergências com a Itálica Gens, decidiu então retomar a sua independência e retornou ao Brasil em janeiro de 1928.

<sup>6</sup> Documento V.

<sup>7</sup> A esse respeito ver em BURKE, Peter. *A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa*. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 327 - 335.

<sup>8</sup> STONE, Lawrence. *O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma velha história*. In: *Revista de História*. São Paulo: UNICAMP, 1991, p. 13 - 37. Tradução: Denise Bottmann.

<sup>9</sup> BURKE, Peter. *Op. cit.*, p. 330.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 338 - 339.

<sup>11</sup> TIBALDESCHI, Giorgio. *Op. cit.*

<sup>12</sup> Entrevista com Marino Gava, 88 anos de idade. São Bento Alto, Nova Veneza, 26/10/2001. Arquivo da autora. A/A. Gava foi aluno e escoteiro de Tibaldeschi. Morou 27 meses com Tibaldeschi, na casa cedida pelo seu avô.

<sup>13</sup> Entrevista com Newton Bortolotto, 41 anos de idade. Urussanga, 25/10/2001. A/A. Bortolotto é natural de Nova Veneza e atualmente reside em Urussanga onde é responsável pelo Departamento Cultural da Prefeitura Municipal.

<sup>14</sup> GAVA, Marino. *Entrevista citada*.

<sup>15</sup> MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 83.

<sup>16</sup> TEVES, Nilda. *O imaginário na configuração da realidade social*. In: TEVES, Nilda. *Imaginário social e educação*. Rio de Janeiro: Gryphus: Faculdade de Educação da UFRJ, 1992, p. 07 e 14.

<sup>17</sup> Pe. Miguel Giacca, da missão turinesa, nasceu aos 14 de julho de 1878, em Busca, Diocese de Saluzzo na Itália onde foi ordenado em 1902. Chegou ao Brasil em 1909 e foi nomeado vigário em Nova Veneza onde exerceu o ministério por 36 anos. Tibaldeschi foi amicíssimo do Pe. Giacca e um de seus grandes colaboradores.

<sup>18</sup> Carta do Pe. Miguel Giacca a Dom Joaquim Domingues de Oliveira. Nova Veneza, 17/06/1929.

- 19 *Idem*.
- 20 MALUF, Marina. Op. cit., p. 40 e 83.
- 21 BACZKO preocupa-se em afirmar a “realidade” dos imaginários, contra as concepções científicas, redutoras, que encaram os imaginários sociais como ilusões ou distorções, reflexos refratados do real. BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. In: *Enciclopédia Einaudi*. V. I. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984.
- 22 BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 55.
- 23 CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990 p. 61.
- 24 *Ibidem*, p. 16 - 17.
- 25 BERTONHA, João Fábio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 87 - 89.
- 26 Apud, BERTONHA, João Fábio. Op. cit., p. 48. Faz-se necessário estabelecer a diferença no sentido atribuído ao termo italianità (italianidade), dependendo de quem o pronunciava. Quando utilizado pelas organizações italianas em geral, seguem a alusão feita por Azevedo, de um movimento de defesa e de conservação do complexo sócio-cultural, econômico e político da sociedade colonial, além de ser uma tentativa de manter os laços afetivos com a Itália. AZEVEDO, Thales de. *Italianos e gaúchos. Os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: a Nação/IEL, 1975, p. 233. No regime fascista procurou-se associar italianidade com fascismo.
- 27 TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do atlântico*. São Paulo: Nobel, 1989, p. 314.
- 28 BERTONHA, João Fábio. Op. cit., p. 127.
- 29 Ofício do vice - cônsul Sestino Mauro ao Dr. Cid Campos, Secretário do Interior e Justiça. Florianópolis, 30/11/1928.
- 30 *Jornal La tribuna*, Florianópolis, 01/02/1932, nº 01.
- 31 *Jornal Correio do sul*, Laguna, 23/10/1932, nº 43, p. 02.
- 32 *Jornal Correio do sul*, Laguna, 13/11/1932, nº 46, p. 01.
- 33 Tibaldeschi argumenta que até pediu conselhos ao consulado, para manter italiana a sua família, e, voltando à Itália serviu-se de passaporte italiano mesmo podendo utilizar os documentos brasileiros, pois assim mais facilmente conseguiria uma esposa italiana. Documento III.
- 34 Agente Consular em Nova Veneza, reconhecido pela resolução nº 26/11/1919. Livro de Matrículas dos cônsules, nº 01. Arquivo Público de Florianópolis, SC.
- 35 Segundo o Aurélio, Escoteiro era uma organização mundial masculina de educação extra-escolar, voluntária, fundada pelo general inglês Baden-Pawel (1857-1941). Visava a desenvolver entre os meninos e rapazes um comportamento baseado em valores éticos, por meio da vida em equipe, do espírito comunitário, da liberdade responsável e do estímulo ao aprimoramento da personalidade, quer no campo individual, quer no campo coletivo. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 800.
- 36 Estatutos dos escoteiros, artigo 20. In: *Jornal O sementeiro*, Rodeio, 18/06/1938, nº 27, p. 02.
- 37 *Jornal O dever*, Laguna, 05/01/1919, nº 29, p. 02.
- 38 *Jornal O albor*, Laguna, 02/11/1940.
- 39 Ver em BERTONHA, João Fábio. Op. cit., p. 146.
- 40 GAVA, Marino. Entrevista citada.
- 41 Carta de Cesare Tibaldeschi. Janeiro de 1932. Documento II.
- 42 Carta de Cesare Tibaldeschi ao vice-cônsul de Florianópolis, Giacomo Ungarelli, sucessor de Sestino Mauro. Alessandria, 03/02/1932. Documento III.
- 43 A Sociedade São Marcos foi fundada em 1923, com fins patrióticos, instrutivos e recreativos.
- 44 Livro Tombo da Paróquia São Marcos, nº 01, p. 86.

- 45 Carta de Cesare Tibaldeschi ao vice-cônsul em Florianópolis, Giacomo Ungarelli. Alessandria, 03/02/1932. Documento III.
- 46 Foi Regente Consular em Florianópolis de 07/11/1925 a 19/12/1926. A coletânea registra que Marzioli também veio ao Brasil por intermédio da Itálica Gens e nutria animosidades por Tibaldeschi.
- 47 Documento III.
- 48 Documento III.
- 49 Livro Tombo da Paróquia Santa Otilia de Orleans, nº 01, p. 76 verso.
- 50 Documento V.
- 51 Documento V.
- 52 Documento V.
- 53 Carta de Antônio Remor ao cônsul geral de Curitiba sobre a atividade antifascista de Tibaldeschi. Nova Veneza, 12/11/1931. Documento X.
- 54 Carta do cônsul geral de Curitiba Amedeo Mammalella. Curitiba, 20/08/1932. Documento XIV.
- 55 Carta de Tibaldeschi ao cônsul geral de Curitiba, Amedeo Mammalella, dezembro de 1932. Documento XV. Entre os ofícios consulares do Arquivo Público consta que Amedeo Mammalella em 08/05/1928 assumiu o cargo de cônsul em Florianópolis. Bertonha assinala que em 1928 chegaram cônsules fascistas. Para Curitiba, Giuseppe Mammarella [sic?].
- 56 Documento XV.
- 57 BORTOLOTTI, Nevton. Entrevista citada.
- 58 BACZKO, Bronislaw. Op. cit., p. 310 e 312.
- 59 Carta de Cesare Tibaldeschi ao vice-cônsul em Florianópolis, Giacomo Ungarelli. Alessandria, 03/02/1932. Documento III.
- 60 Carta do cônsul geral da Itália em Tangeri ao Distrito Militar de Alessandria sobre a atividade de Cesare Tibaldeschi em Tangeri. 19/04/1932. Documento VIII.
- 61 BORTOLOTTI, Nevton. Entrevista citada; BIFF, Claudino. Crônicas da diocese de Tubarão. Tubarão: Coan Indústria Gráfica Ltda, 1997, p.175.
- 62 BORTOLOTTI, Nevton. Entrevista citada.
- 63 Documento XXVII. Correspondência de Renato Schejola, capitão da Companhia de Alessandria ao Comando do Distrito Militar em Congedo. 14 de junho de 1938.
- 64 BORTOLOTTI, Nevton. Entrevista citada.
- 65 Prefácio, In: *Attività antifascista svolta dal tenente Tibaldeschi Cesare*. Op. cit.
- 66 Apud TRENTO, Ângelo. Op. cit., p. 313.